

“A CARTOMANTE” NO PLANO DO JOGO INDICIÁRIO

Jorge Evandro Lemos Ribeiro
Ufes

Resumo: Este trabalho se dedicará a analisar o conto “A cartomante” de Machado de Assis a partir da tradução de sinais segundo Carlo Ginzburg. Por isso, antes de chegarmos ao objeto principal, vamos discorrer ainda sobre dois textos literários que nos servirão como base ilustrativa ao falarmos do leitor indiciário. Um deles trata-se de uma narrativa judaica cujo personagem principal é um *hassid*, o outro é a respeito do personagem Zadig criado por Voltaire.

Palavras-chave: Leitor. Indício. Jogo.

Abstract: This work is an analysis of the short story “A cartomante” (The Fortuneteller) by Machado de Assis, from the translation of sign language according to Carlo Ginzburg. Thus, before we get to the main object, we analyze two literary texts which work as an illustration when we talk about the reader. One of them is a Jewish narrative whose main character is a *hassid*; the other is about Zaig, a character created by Voltaire.

Keywords: Reader. Index. Game.

A partir da tríade Morelli-Freud-Conan Doyle, Carlo Ginzburg discute, em seu texto “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”, como uma vertente da ciência traça seu caminho baseado no paradigma indiciário. O autor vai dizer que o homem por milênios foi um caçador que desenvolveu a capacidade de “reconstituir as formas e movimentos das presas invisíveis

pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados” (GINZBURG, 1999, p. 151). Assim, o homem aprendeu com o tempo a perceber em pistas infinitesimais os motivos para novas interpretações, bases para classificações, fundamentos para registros que contribuiriam no decorrer dos anos para o enriquecimento do patrimônio cognoscitivo da humanidade. A psicanálise de Freud, por exemplo, se apóia nos sinais, ou mais apropriadamente, em sintomas demonstrados por alguém, para assim tirar conclusões a respeito até do inconsciente deste indivíduo. Não obstante, como Carlo Ginzburg trata até certo ponto não só da ciência da psicanálise, mas de outras também, como a medicina; em certo momento ele diz que irá desarticular o paradigma indiciário até então tratado em seu sentido lato. É quando o autor vai dizer que “uma coisa é analisar pegadas, astros, fezes (animais ou humanas), catarros, córneas, pulsações, campos de neve ou cinzas de cigarro; outra é analisar escritas, pinturas ou discursos” (GINZBURG, 1999, p. 171). Distinguindo assim a natureza da cultura, que é mais mutável e superficial, é possível, então, por meio da análise dos “traços mínimos e involuntários”, se aperceber da noção de indivíduo. Mas, para perceber esses traços, faz-se necessário o que Ginzburg chamará de *baixa intuição*. Trata-se de *intuição* na medida em que, segundo ele, “ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição” (GINZBURG, 1999, p. 179). Esta baixa intuição não é aquela intuição supra-sensível, como disse Ginzburg, mas a que “está arraigada nos sentidos (mesmo superando-os)” (GINZBURG, op. cit.) e é por isso mesmo privilégio de poucos.

Antes mesmo de chegar ao conto “A Cartomante”, objeto principal de nosso estudo, gostaria de passar brevemente por dois contos ainda. O primeiro trata-se de uma narrativa judaica cuja história se desenvolve em uma aldeia polonesa de nome

Shebreschin. Lá vivia com a mulher um *hassid* que se sustentava a partir do leite de cabra que ele vendia na cidade. Um dia a sua mulher não encontrou as cabras. Ela se desesperou. Mas o marido, brando, dizia que tudo viria do Alto. No final da tarde as cabras regressaram e então se tornou rotina: os animais sumiam durante o dia e retornavam ao entardecer. O mais curioso, no entanto, não era isso, mas o fato de o leite delas agora ser abençoado porque curava as doenças de quem o bebia. O *hassid*, no sétimo dia, decidiu então ir atrás das cabras. No meio da floresta, elas entraram em uma caverna. *Hassid* seguiu-as. Ele podia ver ao longe um facho de luz. E o *hassid* correu atrás delas. Entre diabos, pedras caindo e mulheres nuas, *hassid* continua seu trajeto guiado pela fé.

O *hassid* havia encontrado o paraíso. Depois de ele ter beijado muito o chão, o *hassid* decide enviar uma carta para os judeus de Schebreschin escrita em uma folha de figueira que uma cabra levaria de volta. Mas a mulher não vê a carta, acha que o marido havia sido assassinado por ladrões na floresta e resolve depois de um tempo abater as cabras e vender a carne. Só depois de abatê-las é que encontraram a carta. O rabino toma conhecimento do caso, lê a carta, e então “o rabino decidiu que os judeus de Shebreschin não deviam comer nem beber, durante três dias; deveriam rezar. Provavelmente, por causa de suas más ações, a carta não fora encontrada a tempo e eles não poderiam chegar à Terra Santa.” (NOY, Dov (org.), 1966, p. 15). Percebe-se claramente que a fé sustentou uma firme posição do personagem *hassid*. A sua leitura de mundo é a que se baseia na fé, portanto. Este teve a sua recompensa. Mas agora preciso contar um pequeno trecho da história de Zadig, um herói de Voltaire que será mais tarde comparado ao que foi agora mencionado.

Dizia Zadig que “ninguém pode ser mais feliz do que um filósofo que lê nesse grande livro colocado por Deus diante dos nossos olhos” (VOLTAIRE, 1972, p. 14). Acrescenta ele que esse homem capaz desta leitura seria “dono da verdade

que descobre; alimenta e eleva a alma; vive sossegado”, e outras coisas a mais que, lógico, vindo de Voltaire, não poderia passar de ironia, o que adiante constataremos. Zadig, certa vez, passeando pelo bosque, chega para ele um eunuco e pergunta desorientado e inquieto se não viu um cachorro por ali que pertenceria à rainha. Primeiro o Zadig responde dizendo que não é um cão, mas uma cadela, depois afirma ainda que a cadela é caçadora, é pequena, e que deu cria não fazia muito tempo e, além disso, se não bastasse o já dito, afirmou que a cachorra mancava da pata dianteira esquerda e tinha orelhas cumpridas. A conclusão aparentemente óbvia foi a mesma que teve o eunuco: “Então você a viu?” – Perguntou ele. Zadig, no entanto, responde que nunca em sua vida a tinha visto. Por coincidência, havia também escapado do rei o melhor cavalo de sua coleção e o Monteiro-mor estava atrás dele quando vê Zadig e o pergunta se não tinha visto o animal por ali. Zadig descreve o cavalo em detalhes.

O Monteiro-mor não teve dúvida de que o homem que passeava pelo bosque sabia onde estava o cavalo. Mas a resposta de Zadig foi negativa. Concluíram o eunuco e o Monteiro-mor que Zadig não só sabia onde estava o cavalo e a cadela como teria roubado ambos. Levaram-no então para uma assembléia. Depois de ser condenado ao exílio na Sibéria, encontraram o cavalo e a cadela. Reformularam a sentença, com a condição de que Zadig deveria agora pagar 400 onças por ter negado ver aquilo que viu. Só depois de pagar a multa, teve o perspicaz herói a chance de se defender na assembléia. Afirma ele que realmente não viu os animais e esclarece como chegou a tais conclusões a respeito do animal analisando os indícios, como a impressão das pegadas das patas, tetas que arrastavam pela areia, e até das orelhas cumpridas. Quanto ao cavalo, Zadig descobriu, por exemplo, o seu tamanho a partir das folhas recém-caídas das árvores. Enfim, todos pasmaram com tão eloqüente explicação de como ele deduziu caracteres dos animais procurados. Mas essa reação não livrou Zadig totalmente da pena. O rei até que ordenou que lhe restituíssem as 400 onças, mas “retiveram

somente 398 para as custas do processo, e os seus ajudantes reclamaram gratificação” (VOLTAIRE, 1972, p. 17). O herói de Voltaire conclui que é perigoso ser sábio. Prometeu a si mesmo que não testemunharia mais. Entretanto, em outro dia, um prisioneiro foge, ele não depõe, mas provam que Zadig olhou pela janela de sua casa, logo teria visto o preso. Foi multado por 500 onças de ouro.

Ao contrário de *hassid*, o protagonista do conto anterior, o herói de Voltaire, ironicamente, é multado pela sua procura da verdade. Zadig lê o mundo de uma maneira diferente se comparado ao protagonista de Shebreschin. Ele, como um herói típico do Iluminismo, percebe suas pistas com a dedução do raciocínio. Distintamente do *hassid* que, como já vimos, lê os sinais com os olhos da fé. Esses dois personagens nos servirão como base para, agora sim, analisar o conto “A Cartomante” de Machado de Assis. É importante que tenhamos em mente este dois protótipos de leitores ao ler o conto, – o leitor *hassid* e o leitor Zadig.

O conto de Machado de Assis em si já começa com um desses leitores acima mencionados se manifestando. Há uma antecipação de um episódio. É quando Rita fala para Camilo sobre a cartomante que fica na Rua da Guarda Velha. Camilo ria de Rita. Esta defendia, com outros termos, a mesma idéia de Hamlet que dizia: “há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia”. Camilo, que pousava de cético, ria com deboches. É mais importante notar, no entanto, que a cartomante impressionou Rita ao se antecipar dizendo que esta gostava de uma pessoa. Observe que essa informação é generalizante. Tanto seria fácil deduzir o motivo pelo qual Rita estaria ali, que o próprio Camilo repreende-a dizendo que é imprudência aparecer nesses lugares na medida em que Vilela, o marido, poderia tomar conhecimento disso, o que seria motivo de levantar suspeitas da traição. O fato é que Rita foi consultar-se e saiu de lá aliviada de suas dúvidas. Às vezes, o narrador

lança um discurso indireto livre, o que dá ao texto um certo tom eloqüente e enganador, isto é, o leitor que não percebe de que discurso se trata, se convence daquilo que na verdade é ironia: “*Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranqüila e satisfeita*“ [grifo nosso] (ASSIS, 2003, p. 38). Observe também que a prova para veracidade do que disse a cartomante é a satisfação da cliente. É obvio que essa lógica não é exatamente a do narrador que quer com astúcia levar o leitor para outros meandros da leitura, mas é o raciocínio conivente da personagem, que carece de um anestésico para suas dúvidas amorosas. Já Camilo, informa o narrador, já fora supersticioso e perdeu as credences do legado materno aos vinte anos. Com o tempo, passou a negar tudo. Não sabia dizer por quê, mas negava. Não obstante, sentia-se lisonjeado por ver Rita se arriscando por ele. Em suma, percebe-se neste episódio um jogo de conivências: todos saíram felizes com a cartomante, inclusive ela mesma. Porém, a “leitora de cartas” – antes leitora ‘indiciária’ – é a responsável pela própria satisfação de garantir seu sustento. Já os dois amantes, cuja satisfação está em um capricho amoroso, não passam de passivos na própria alegria.

O narrador então retorna no tempo e diz como os três se conheceram. Vilela e Camilo eram amigos de infância: “Eram amigos deveras” – diz o narrador com ironia. Vilela tinha um ar de maturidade, “enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática” (ASSIS, 2003, p. 39). Acrescenta que Camilo não tinha nem experiência, nem intuição. Isso se mostrará por meio de fatos mais tarde no desenrolar do enredo. O tempo proporcionou a Camilo e Rita intimidade, daí ela passa a ser quase uma irmã, e o seria se não fosse mulher e bonita. Um dia Camilo ganha de presente de aniversário uma “rica bengala” de Vilela, “e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no próprio coração; não conseguia arrancar os olhos do bilhetezinho” (ASSIS, 2003, p. 40). Como o próprio texto diz, o que seria comum, vulgar, se

tornou sublime. Observe que a expressão usada no texto, “ler no coração”, já denota a presença marcante da subjetividade de Camilo. O leitor, por sua vez, estrategicamente, não tem acesso ao que estava escrito no bilhete, mas ele fica sabendo ao menos que o bilhete fez Camilo se deleitar. Sem se ater muito aos acontecimentos em si, mas sim às narrativas psicológicas dos personagens, é típico do Bruxo do Cosme Velho fazer uso de metáforas que organizam e conciliam os fatos e as confusões dos sentimentos humanos. É o que acontece quando o narrador comenta a respeito da tentativa de Camilo resistir ao ataque de Rita que, “como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca” (ASSIS, 2003, p. 40).

Uma carta anônima chega a Camilo dizendo que o caso é do conhecimento de todos. Não só a origem dessa carta é negada ao leitor como também o modo como souberam da aventura de Camilo e Rita. Fica para o leitor, portanto, a chance de especular as razões mais vulgares. Além disso, é estratégico que o leitor saiba até o ponto que sabe Camilo sobre as coisas, para, assim, garantir o suspense por que passará Camilo e, por conseguinte, também o leitor. O amante, por medo, evita ir à casa de Vilela. Este percebe a ausência e cobra do amigo uma explicação. Assim como o leitor em relação à procedência das cartas, Vilela tem um indício que lhe sugere apenas uma introdução, mas não fornece uma justificativa que lhe complemente o “texto”. “Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz”. Com essa resposta, o amante de Rita ironicamente dá uma falsa pista para uma equivocada leitura, ao mesmo tempo em que diz de certa maneira a verdadeira razão pela qual tem rareado suas visitas. “Candura gerou astúcia”, diz o narrador. Foi neste tempo que Rita recorre à cartomante para saber por que motivo Camilo estaria tão ausente. Não tendo o texto num todo, ela recorre a “leitora de cartas” para que lhe complete sua leitura de modo que a alivie o incômodo da ânsia de fazer sentido. Como não se vê capaz de ler com a mesma perspicácia

que Zadig, recorre à maneira de ler do *hassid*. Camilo não pára de receber cartas. São mais umas três delas. Rita vê interesse nas cartas. O ciúme lhe induz a arquitetar um pensamento: “a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo” (ASSIS, 2003, p. 41). Se ela tem razão de fato ou não, o leitor nunca poderá ter certeza. Mas seja quem for que estivesse escrevendo as cartas, o fato é que Vilela agora parece também saber da traição. Ele começa a mostrar-se sombrio e é de falar pouco. Neste momento, Rita e Camilo reage cada qual segundo o seu temperamento: um com astúcia e o outro com receio. Rita quer que Camilo volte a freqüentar a sua casa para ver se não tira alguma confiança de Vilela; já Camilo não acha prudente aparecer depois de tanto tempo ausente. Enquanto a primeira quer ler o comportamento do marido, o segundo não quer cometer algum deslize dando-lhe mais um sinal da aleivosia.

A última carta agora é de Vilela. Um bilhete, na verdade. Dizia: “Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora”. Camilo logo combinou as outras cartas com esta última. Fez delas um só texto. A letra lhe parecia trêmula. Estando ela trêmula ou não, este era um sinal resultante de sua aflição, aflição de Camilo. E é partir dela ainda que ele constrói um texto que será, em boa parte, o desfecho da história: “Imaginariamente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando a pena e escrevendo o bilhete, certo de que acudiria, e esperando-o para matá-lo” (ASSIS, 2003, p. 42). E é o mesmo Camilo que supõe uma possível leitura de Vilela: “A mesma suspensão de suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar o resto” (ASSIS, 2003, p. 42). No caminho para casa de Vilela, Camilo “não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas”. Enquanto o personagem lê imaginariamente o bilhete, o leitor lê a aflição do personagem apoiado no ombro do narrador.

A caminho da casa de Vilela, o tálburi teve que parar por conta

de uma carroça que estava ali atravancada. Com o tempo, Camilo repara que estava do lado da casa da cartomante. Neste instante, o cético rapaz sente-se tentado por antigas crenças que deixou para trás há muito tempo. Passava por sua cabeça a idéia de ir ter com a cartomante, mas logo fazia um gesto incrédulo. Mas como era, em verdade, de caráter mais voltado às vontades subjetivas, mesmo que pretensiosamente cético, quando menos se espera, já lá estava ele subindo as escadas da cartomante. Na dúvida, até o que os homens gritavam ao tentar levantar a carroça parecia ser palavras de incentivo para Camilo que carecia acalmar as ansiedades: “— Anda! agora! empurra! vá! vá!”. Os acontecimentos em volta contribuem para a composição do texto para os olhos e ouvidos de Camilo. Quando se trata do texto de *hassid*, as concatenações tornam-se mais fáceis de tecerem-se. “Ele via as contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele” (ASSIS, 2003, p. 43). Enquanto Camilo lia o que era quase óbvio – o fim trágico –, a casa da cartomante estava ali parecendo lhe chamar. Por isso, todas as histórias que a sua mãe lhe contava quando criança colaboravam para a composição deste novo texto. Quando se dá conta, já está subindo as escadas. O ambiente sombrio e pobre participa para aumentar o prestígio, diz o narrador. Logo, o ambiente também participa para uma leitura. “A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo” (ASSIS, 2003, p. 44). O rosto de Camilo se torna iluminado para a cartomante poder lê-lo. Ela o olhava por baixo dos óculos, como quem perscruta, analisa, deduz. O narrador confirma a sagacidade da cartomante quando diz que ela tinha “olhos sonsos e agudos”. Fica fácil então deduzir por alto o que está fazendo lá um homem distinto quando este está com medo de um desfecho trágico de sua aventura. Que outra aparência poderia ter este homem senão o de assustado? E foi o que a cartomante disse: “Vejamos primeiro o que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...” (ASSIS, 2003, p. 44). Isso impressiona Camilo. Além

de astuta leitora de sinais, a cartomante sabe ainda muito bem, ao mesmo tempo, dissimular bem um texto que lhe convém. De maneira ainda generalizante, ela diz que ele quer saber se lhe acontecerá alguma *coisa* ou não. Ele, ingênuo, envolvido pelo espanto do mistério (*hassid*), entrega o mote à cartomante dizendo: “A mim e a ela”. O narrador, curiosamente, diz que a cartomante não sorriu. Ora, e por que haveria de sorrir senão pelo fato de agora ter toda uma introdução de uma história para dar apenas o remate da suposta clarividência? Então ela declara uma leva de “conselhos” que servem para a maioria das circunstâncias parecida com a de Camilo. Ela diz para ele que não precisa temer a nada e que um amor bonito como o dos dois causaria despeito de outros.

Como Rita anteriormente, Camilo é que agora está aliviado de uma angústia. Ele acaba por submeter-se à lógica de *hassid*. Tamanho entusiasmo observa-se no fato de ele ter dado à cartomante dez mil-réis quando o preço era apenas dois mil-réis. Ela não perde a chance de ler e propor leituras coniventes a Camilo: “Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá, tranqüilo” (ASSIS, 2003, p. 45). Tão tranqüilo foi ele para a casa de Vilela que agora até a natureza e as pessoas pareciam participar do contexto de seu entusiasmo: “o céu estava límpido e as caras joviais”. Acha agora pueril o próprio receio. Antes a letra aparentemente estava trêmula demonstrando nervosismo por parte de quem a escreveu, mas agora o tom da carta é íntimo e familiar. A cartomante desfez o tecido indesejado para oferecer a Camilo uma substituição mais aprazível, confortável, tanto que não são mais as palavras de Vilela que lhe repercute na cabeça, mas as da cartomante. “(...) reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante”. E como Rita, também ele elabora um sofisma para garantir para si a veracidade das palavras da “sibila”: “Em verdade, ela adivinhara o objeto da consulta, o estado dele, a existência de um terceiro; por que não adivinharia o resto?” (ASSIS, 2003, p. 46). Isso é dito não pela voz direta do

personagem, mas pelo narrador. Com esse recurso do discurso indireto livre, como já se disse aqui, o narrador dá outra vez sinais “falsos” para o leitor. Neste instante de leitura, quem lê é despreparado para o final que está por vir, o que garante a surpresa antecipada do desfecho. Digo antecipada porque Camilo já havia pensado neste final trágico. Mas agora, como fez a cartomante com Camilo, faz o narrador com o leitor: tece um outro panorama de leitura mais otimista... ingênuo, porém otimista. Agora tem Camilo “uma fé nova e vivaz”. Ele olha para o horizonte e tem “assim uma sensação de futuro, longo, longo, interminável”. Como o *hassid* de Shebreschin indo ao encontro do paraíso, Camilo vai em direção à casa de Vilela. Contaminado pelo otimismo, Camilo não vê que, ao chegar e bater na porta de Vilela, este “tinha as feições descompostas”. “Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensangüentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão” (ASSIS, 2003, p. 47). Como se vê, Camilo não teve, no entanto, a mesma sorte que *hassid*.

É possível entrever no conto “A Cartomante”, portanto, dois planos de um jogo de leituras e sinais. Um aspecto desse jogo ‘indiciário’ se estabelece entre os quatro personagens, um outro aspecto se estabelece entre o narrador e o leitor. Entre os personagens há uma relação de olhares, gestos, insinuações que contribuem para a dádiva de uns sinais e dissimulação de outros, travando assim uma batalha em que vence aquele que lê melhor. É interessante notar que uma peça do jogo movimentada vale às vezes por duas ou mais jogadas, como foi o caso, por exemplo, da cartomante quando falou para Camilo que ele estava com algum susto: ao mesmo tempo em que leu um sinal, lançou um outro – a adivinhação – e ainda soltou uma deixa para ele “dá as cartas”, assim ela supôs o contexto de sua aflição. A cartomante é a que melhor lê e mais sabe dá as pistas. Pistas estas que motivam outros sinais que lhe servirão para outras leituras. Depois há a Rita que

mais dissimula indícios que propriamente os lê. Já Camilo e Vilela, pouco ou quase nada sabem jogar o jogo ‘indiciário’. Se o fazem, é ainda coxa a maneira que jogam. No caso de Camilo, sua inocência e subjetividade predominante não o deixam lê com clareza. Como diz o narrador, ele não tem nem experiência nem intuição. Camilo não passa então do “caricato” personagem machadiano que joga mais com a aparência, e muitas vezes o aparecer contrasta com aquilo que realmente é. Digo “caricato” porque esse tema se repete em outras de suas obras como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, nos contos como “Noite de Almirante”, “Teoria do Medalhão”, etc. Um outro aspecto do jogo indiciário, como já se disse, é entre o narrador e o leitor. Neste plano, no entanto, um está em parcial desvantagem: o leitor, que é passivo diante do que o narrador diz. Se ele não é passivo, pelo menos então paga uma multa por tentar ler como *Zadig*. Carece de uma leitura minuciosa, que desvenda sinais para que o texto se revele pleno, ou quase pleno diante de seus olhos. A multa é que o leitor sai em débito com essa plenitude e sabe disso – ao menos deveria saber. É claro que não estou falando do leitor indiciário que pretende ler como *hassid*. Este leitor *hassid* apenas se deleita com o paraíso e não questiona “o que vem do Alto”. Neste plano de jogo, o narrador dribla as informações para desviar a atenção do leitor. O narrador faz isso sem, entretanto, passar por falsário, “mentiroso”, uma vez que, como já observamos, faz uso de recursos textuais que mescla a voz do personagem com a sua voz, a do narrador. Estes dois planos do jogo indiciário – personagem/personagem e narrador/leitor –, não se excluem, mas, ao contrário, se complementam. Exemplo disso está no episódio em que Camilo lê na letra trêmula um indício de um drama trágico, enquanto o leitor, pelo ombro do narrador lê na leitura do personagem sua aflição, além de imaginar junto com Camilo a possibilidade do desfecho fatal. Assim, o leitor é cativado pelo jogo dos sinais estabelecido entre os personagens e o narrador. Mesmo que ele pague a sua multa, há algo de deleitoso neste jogo da ficção na qual se ganha na medida em

que se descobre perdedor. O fato é que, desse jogo indiciário, nenhum leitor poderá sair incólume.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. “A cartomante”. In: *Contos consagrados*. São Paulo: Ediouro, 2003.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

NOY, Dov (org.). *Contos da dispersão*. Tradução: Elena Moritz, J. Guinsburg et al. São Paulo: Perspectiva, 1966.

VOLTAIRE, François M. Arouet. *Contos*. Tradução: Mário Quintana. Porto Alegre: Abril Cultural. 1972.

Recebido em 15/08/2008
Aprovado em 20/09/2008